

A Balada de Inês

Patrícia Lino*

Era uma menina e brincava junto aos olivais, quando um homem lhe apareceu. Afugentou-se a pequena e o homem aparecido lhe disse e desapareceu, menina tu tens cara de flor. Depressa, a menina correu e logo se viu diante do espelho: não viu senão dois olhos olhando nos seus e já moça sorriu, ao lembrar-se do homem que, com olhos grandes, lhe viu uma flor no meio do nariz. Muitas vezes a menina pensava, teria sido alecrim, begónia, gérbera ou um dente de leão, a menina não sabia, teria quem sabe um jardim no corpo, com uma só flor lá plantada, seria azálea, bogarim, dália, um jarro talvez, a menina não sabia. E se fosse camélia, seria rosa, branca, poderia ser vermelha. Se a menina tivesse na cara uma camélia, seria branca. Teria de ser branca. A menina sabia, mas como a menina sabia, ora a menina tentava. Podia até ser um cravo, uma giesta, a menina não sabia. Mas a menina cresceu. E crescendo herdou a beleza de todas as flores, por não saber que flor era. Se era a beleza pesada, as flores não o são, mas se era pesado carregar um jardim no corpo, se é que ela o tinha, só a menina havia de o saber. Certo dia, se viu cortejada, regavam a menina com ínfimos galanteios: uns ali, outros acolá. E foi quando a menina lhes pediu água que água lhe levaram. A menina voltou a pedi-la. Exigiram-lhe, dessa vez, o coração. Mas onde está o coração numa flor, pensou, aqui, acolá

em lugar nenhum. A menina fugiu e seus amantes adoeceram. Adoecidos, beberam a água

que negada havia sido e secaram pouco depois. Porque eles não sabiam que não se bebe

primeiro aquilo que não se dá a quem se quer e um amor fugido sempre volta para nos afligir os gostos.

A menina chegou aos olivais, porque para lá correu, seria açucena, um cardo, podia ser uma flor

do campo, de romãzeira, e se fosse flor-de-lis, podia ser flor de laranjeira, não: a menina só podia ser um brinco-de-princesa ou anis. E se fosse um crisântemo, oh que deus a fizesse

então branca, por favor, por favor, um crisântemo branco. Foi quando o homem dos olhos

grandes lhe apareceu e com os olhos grandes lhe disse, menina tu hás-de morrer flor, repetiu,

menina tu hás-de morrer flor. Depressa, a menina correu para ele, mas o homem desaparecera.

Uma bonina, uma rosa, um lírio, talvez um goivo, meu deus, como haviam tantas flores.

Viu-se então caída sobre amores-perfeitos e começou chorando, fê-lo com a beleza de todas as flores, eu hei-de morrer flor, eu hei-de morrer flor, eu hei-de morrer flor, disse, eu hei-de morrer flor, meu deus, faz com que eu morra flor, eu hei-de, eu hei-de morrer flor.

E a menina ali morreu. Se morreu flor, só a menina há de o saber.

* Nasce a 1990, na cidade do Porto: cresce e ainda lá habita. Continua crescendo, diz a mesma, e lá ainda estuda e vive. De sua graça inteira, Patrícia Sofia Martins Lino, completa os ensinamentos primário e preparatório nas escolas Moutidos I (cidade da Maia) e Escola EB 2,3 de Valongo, por ordem de chegada. Em 2006, envereda pela área das Artes e matricula-se na Escola Secundária Artística de Soares dos Reis. Distingue-se, em 2008, com uma das melhores médias finais, naquela que é actualmente considerada a melhor escola secundária a nível nacional.

Patrícia depara-se então, com o ensino superior e pelo seu amor à literatura opta, desta vez, pela área das Letras. Frequenta actualmente a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no curso de Línguas, Literaturas e Culturas, na variante de Português/Línguas Clássicas.

Patrícia dedica-se, para além do campo literário, às áreas do desenho, da pintura, do cinema, da fotografia e ainda ao design de comunicação (artes gráficas e multimédia). Desenvolve várias iniciativas e a maioria delas centra-se no cultivo da poesia nas escolas, entre os mais jovens. As áreas da representação e o contacto social/pessoal são-lhe essenciais. É também autora do Projecto Clarice, projecto esse que é actualmente aclamado pelo grande público.